

O projeto pedagógico socrático

*José Beluci-Caporalini**

*"Jamais, enquanto viver, deixarei de filosofar." (Sócrates)
Sem a educacdo as melhores disposiffies naturais ndo conseguem
desenvolver-se nem chegam
a dar bons frutos (Mem. III 9,1; IV 1,3).
"Tudo o que nós somos o devemos á educagdo." (Kant)*

Resumen

Se busca mostrar en este artículo algunas características del proyecto pedagógico socrático; para ello se analizan algunos diálogos platónicos. Se empieza resaltando algunos aspectos de la personalidad de Sócrates. Después se procura tocar en las convergencias y divergencias de su método con el de los sofistas, bien como las características más típicas del pensamiento socrático Como la ironía, la mayéutica, y el autoconocimiento. Se concluye indagando, hipotéticamente, sobre algunas de las posibles aplicaciones de su proyecto pedagógico hoy día.

* Professor de filosofia antiga, DFL, UEM, Brasil.

Palabras Clave:

Pedagogía; ironía; mayéutica; autoconocimiento.

Resumo

Procura-se mostrar neste artigo algumas características do projeto pedagógico socrático, valendo-se de alguns diálogos platónicos. Parte-se de alguns aspectos da personalidade de Sócrates. Depois se procura abordar as convergências e divergências de seu método com o dos sofistas, bem como as características mais típicas do pensamento socrático como a ironía, a maiéutica, e o autoconhecimento. Conclui-se falando em princípio sobre algumas das possíveis aplicaQões do seu projeto pedagógico hoje.

Palavras Chaves:

Pedagogia; ironía; maiéutica; autoconhecimento.

Abstract

This paper deals with some characteristics of Socratical pedagogical project; analysis of some platonic dialogues is made. This article starts off from some of Sócrates personality aspects. Afterwards it focuses on convergences and divergences of Socrates' and Sophists' pedagogical methods. Other typical aspects of Socratic thought are also approached such as irony, maieutics and self-knowledge. A reflection is made as a conclusion speaking on principle about some possible applications of Socratic pedagogical method today.

Key Words:

Pedagogy; irony; maieutics; self-knowledge.

Introdu/áo

O objetivo deste artigo é o de procurar mostrar algunlas, características do projeto pedagógico socrático; o método aquí

seguido é o da análise de passagens dos diálogos platônicos que, no ver do autor, tipificam o projeto pedagógico socrático. Como referencial teórico para tal vale-se da contribuição de eruditos tais como Freire, Guthrie, Grube, Jaeger, MagalhãesVilhena e Mondolfo. Parte-se inicialmente de alguns aspectos da personalidade de Sócrates; depois se procura abordar as convergências e divergências de seu método com o dos sofistas, bem como as características mais típicas do pensamento socrático como a ironia, a maiéutica e o autoconhecimento. Como se caracteriza o projeto pedagógico socrático e como se articula é o que se pretende examinar no que se segue abaixo.

A personalidade de Sócrates

Sócrates (470/469-399) nasceu e morreu em Atenas, onde faleceu aos setenta anos (*Apo.* 175; *Críton* 52e). O seu pai era escultor e a mãe, parteira o que influiria posteriormente em sua escolha filosófica (*Teet.* 149). Deve ter estudado em Atenas onde foi educado segundo os cânones da educação então vigente, ou seja, como pertencia à classe média foi educado como todos os jovens do seu tempo, a saber, fez à ginástica, música e a poesia. Foi soldado valoroso e se manteve alheio à política, pois a sua vocação era outra, a saber, a Filosofia, a qual jamais iria abandonar como declarou sem titubeios perante o tribunal que se preparava para condená-lo.

Opôs-se ao descompromisso sofista com a verdade redirecionando a filosofia de onde havia sido desviada e ganhou muitos admiradores e teve inúmeros discípulos, o maior dos quais foi Platão, o verdadeiro fundador da filosofia. Era uma personalidade que inquietava através de seu contínuo questionamento. Era fisicamente muito feio (*Teet.*, 143e-144..), porém tinha uma retidão moral e domínio de si perante as mais distintas circunstâncias (*Banq.*, 215, 221; cf. *Teet.*, 143e) que, juntamente com o seu contínuo questionar, provocava a dúvida e a inquietação no ânimo daqueles que dele se aproximavam (*Men.*,80). Dos testemunhos dele apresentados, especialmente Xenofonte e Platão, surge um Sócrates estimulante e provocante ao mesmo tempo, devotado ao magistério de cada discípulo de modo que cada qual fosse verdadeiramente ele mesmo, ou seja, que se tornasse cónscio do próprio modo de agir e de pensar, segundo as exigências concretas. Havia nele algo de divino e de

"demoníaco" (*Apo. XIX*) e uma voz (consciência?) impedia-o de se comprometer com a vida prática, isto é, a política (*Apo. XIX*). A sua atividade só foi "política" porque foi pública e aberta aos que o quisessem ouvir; apenas neste sentido.

O seu método pedagógico baseava-se na conversa, no diálogo, no contínuo questionar e em saber ouvir as respostas de quem Tora questionado; nada escreveu o que é indicativo que para ele a Filosofia é mais bem expressa oralmente que por escrito; não pode ser um mero acaso que não tenha deixado nada escrito; foi sim fruto de uma crença e escolha de ordem teórica (*Fedro, 275e*). O fato de nada ter escrito, contudo, condicionaria a interpretação de sua personalidade apresentada ora como um Sócrates moralista e pregador (Xenofonte), ou ainda, alguém posto em Atenas consciente de seu papel cultural e político (Platão). Estas e outras interrogantes sobre ele são postas pelo fato de não ter escrito nada e nada escreveu porque cria que a escrita era um modo de constituição de um sistema definitivo destinado a ser superado logo em seguida. Ele acreditava que a escrita era incapaz de levar em consideração as pessoas e de se diversificar dialeticamente sempre que necessário, de acordo com as diversas situações, como postulava e achava que devia ser a Filosofia, exposta através de seu método pedagógico, como se poderá ver pelos textos mencionados abaixo.

A escolha socrática de nada escrever não é gratuita, portanto; é de tipo metafísico. Ele estava convencido que a linguagem fixa os problemas e as suas soluções de modo esquemático, com pretensões de exaustividade, ou seja, de modo arbitrário, porque o evoluir-se das coisas, da realidade, do tempo e das circunstâncias, podem tornar fúteis os problemas sérios e falsas as soluções verdadeiras.

Todavía, a escolha de não escrever parecia precisamente da exigência de querer possuir uma resposta definitiva dos problemas filosóficos do homem (...) A recusa de escrever nascia da constatação que era impossível encontrar uma resposta certa, unívoca, irrefutável. Tal recusa nascia do aforismo paradoxal 'sei que não sei', o que é uma contradição em termos, defensável somente em uma situação polémica nos confrontos das pretensões intelectuais dos sofistas. (CANTARELLI, Giuseppe <http://www.homolaicus.com/teorici/socrate.htm>). (Acesso em: 08/06/2008).

Devido á fidelidade áquilo que entendía ser a sua única missáo, de se dedicar totalmente á Filosofia, criou também muitas inimizadas o que lhe custaria á vida e o transformada em mártir da Filosofia. Pelo que se observou acima se vé claramente a dificuldade de se delinear com precisáo a personagem de Sócrates, mas se espera que algo mais emergja através de alguns pontos importantes de seu pensamento e do seu método pedagógico. A Seguir, confronta-se o seu método com o dos sofistas, como se vé abaixo.

Sócrates e os sofistas

Pode-se perguntar por que Sócrates combaba os sofistas de modo tão acre e de modo verdadeiramente sistemático. Não os deixava um momento, sobretudo quando dele se aproximavam simulando interesse pela verdade. Há algumas características que se assemelham entre ambos e outras que diferem, ou seja, o método pedagógico socrático e o método pedagógico sofista têm semelhangas e dessemelhangas (FRAILE, Guillermo, 1982; GUTHRIE, W. K. C., 1995; JAEGER, Werner, 1986; MAGALHAESVILHENA, Vasco de, 1984; MONDOLFO, Rodolfo, 1963; ZELLER, Edward, 1955).

Como se sabe, para os sofistas, a consideragáo da natureza passa para um segundo plano, enquanto que o homem como individuo e como ser social, em todas as suas formas de atuagáo coloca-se no centro de seu interesse e reflexáo. Sócrates também abandona o interesse pela Natureza e pelos Deuses, colocando o homem no centro de seu interesse pedagógico.

Os sofistas não têm compromisso com o ser e com a verdade enquanto que Sócrates redireciona a filosofia para os caminhos do ser e da verdade, sem os quais não há verdadeira filosofia.

Os sofistas e Sócrates interessam-se pela juventude, mas com uma diferença básica: a pedagogia sofista visava urna formagáo brilhante, enciclopédica, mas de fato superficial; não era o caso do método socrático que procurava um tipo diferente de paidéia: com calma, aos poucos, procurava incutir na juventude que o procurava a prática consciente do bem, da justiga e da virtude a flan de formar autênticos cidadáos que fossem no futuro bous governantes. Urna vida sem reflexáo, afirmava, é indigna de ser

vivida e acreditava que somente aquele que procurava mudar-se pela educação estava apto para ser agente de mudança na pólis (*Apo.*, 37 a-38 c). *Sem a educação, afirmava, as melhores disposições naturais não conseguem desenvolver-se nem chegam a dar bons frutos: (Mem . III 9,1; IV 1,3).*

Então Sócrates valia-se de um método pedagógico que levava o jovem a refletir, a se aprofundar e que daria os seus frutos no tempo oportuno; não visava o presente imediato com uma falsa cultura cheia de aparências e nada mais, como era o caso dos

sofistas.

Os sofistas eram venais e utilitaristas. Não era o caso de Sócrates, *o melhor, o mais sábio e o mais justo dos varões*, no dizer de Platão (*Fédon*, 1181).

Procurava ser um homem desapegado de tudo, era ponderado e procurava a areté a todo custo; mostrava em seu modo de viver e pregava continuamente que a virtude e o bom caráter são fundamentais para ser um bom cidadão. Mostrava isto ao não ser venal e ao procurar colocar o seu interesse acima de bens materiais.

Os sofistas criam que mediante a palavra são constituídas a justiça e a lei, claro que se tratava de uma justiça e de uma lei do homem; Sócrates também crê na justiça e na lei, mas não apenas provenientes do e fundadas no homem e em sua palavra.

Para os sofistas os seus discípulos tinham que se interessar pela política e triunfar, não importa como ou com quais meios. Não era o caso de Sócrates que procurava outro tipo de ênfase pedagógica fundamentada na mudança interna e individual.

Os sofistas passavam um tipo de educação baseada no subjetivismo, relativismo e ceticismo já que não acreditavam em nenhuma coisa a não ser no imediatismo. Sócrates crê em leis estáveis, em normas universais e verdadeiras e venerava os deuses gregos e até alguns estrangeiros (GUTHRIE, W. C. K., 1995, p. 155-167; especialmente p. 188ss.).

Os sofistas procuravam o sucesso e supunham poder ensinar como conseguiram. Sócrates procurava a verdade e incitava os seus discípulos a descobri-la. Ela está ao alcance da mão; melhor,

da reflexão insistente e da procura contínua. Não é o sucesso material o que visava Sócrates, mas o sucesso interno da formação de caracteres.

Os sofistas incitavam os seus discípulos a ter sucesso e a fazer carreira; portanto algo muito imediato. Sócrates procurava enfatizar que era necessário desapegar-se das riquezas, das honras, dos prazeres, reentrar no próprio espírito e analisar sinceramente a própria alma, para se conhecer a si mesmo e reconhecer a própria ignorância.

O método de Sócrates era bem diverso daquele que ensinavam os sofistas: estes enfatizavam o exterior e aquele o interior; estes um tipo de formação que não resistia os rigores das maiores dificuldades; aquele um tipo de formação fundamentada no próprio espírito trabalhado e retrabalhado ao longo de toda uma vida.

Os sofistas davam a impressão de Ludo saberem e, conseguintemente, criam tudo poder ensinar a todos. Não era esta a ênfase socrática em seu método pedagógico: ele não se considerava mestre de ninguém, mas obstetra, parteiro; não ensinava a verdade, mas apenas ajudava seus discípulos a descobri-la neles mesmos. Não ensinava, conversava, discutia, dialogava, guiava através das discussões e os orientava para que então pudessem descobrir a verdade procurada.

Para os sofistas aprender era coisa fácilíssima; não custava muito aprender à retórica e a arte de governar (*Idem, ib.*, p. 167208). Sócrates era mais realista: aprender é difícil. Somente lenta, gradual e progressivamente é que se chega ao conhecimento da verdade, esclarecendo as próprias idéias e definindo as questões sempre com mais precisão; de todo modo, com grande dificuldade e não com facilidade.

Os sofistas, por um lado julgavam que o conhecimento de qualquer lei moral era relativo e subjetivo. Para Sócrates, contudo, existiam leis e conhecimento moral de valor absoluto, objetivo e, por conseguinte, universal.

Os sofistas apresentavam-se para os jovens endinheirados da elite como sábios; aqueles que sabem; Sócrates, não. Ele sala pelas

ruas de Atenas como amante da sabedoria, alguém que a não possuía em plenitude. Com efeito, ele saía pelas ruas, pela Ágora pelas praças públicas conversando e interrogando os governantes; os sapateiros, o militar, o cortesão e o próprio sofista (MARIAS 1966, p. 56). Procurava continuamente, com paciência e dele modo fazia Filosofia e ensinava Filosofia, através de seu método exercido com todos os que dele se aproximassem e quisesse, procurar a verdade.

Os sofistas, de certa forma, eram mercenários estrangeiros. Sócrates estava ligado a Atenas e era lá que ele procurava viver sua missão voltada à Filosofia, à verdade e ao ser.

É verdade que também os sofistas eram educadores, porém o método pedagógico de ambos é bem diverso, distinto porque eles *ofereciam* um saber, ao passo que Sócrates *procurava* o saber (*Idem, ib.*, p. 233-243).

Sócrates não cobrava pelas suas lições, pelo ensino: a ele e a seu ensino podiam dirigir-se as pessoas que o quisessem ouvir, o que de fato ocorria, de modo particular os jovens e até as pessoas de condições menos favorecidas, o que revela bem um aspecto típico do método pedagógico socrático, a saber, não procurava o interesse do discípulo, mas a verdade das coisas.

É bem clara a diferença entre o discurso socrático, no qual a persuasão fundamenta-se sobre o raciocínio e o discurso sofista, que se fundamenta na persuasão e na retórica (*Idem, ib.*, p. 167-208).

Há também a diferença que surge do tipo de discurso usado por Sócrates, que no geral é um discurso breve, enquanto que o dos sofistas é sempre um discurso longo, sermões infundáveis.

Sócrates pensava que o homem necessita de critérios e métodos de pesquisa diversos daqueles que são praticados na pesquisa da natureza; os sofistas não possuíam consciência disto em seus ensinamentos.

Mas não se pode afirmar sem mais que todos os sofistas fossem, sem exceção, todos venais; ao menos se pode pensar em

rotágoras e Górgias como mais dignos de respeito, tendo-se em vista o respeito de Platão em relação a eles, inclusive escrevendo dois diálogos cujos títulos levam os seus nomes.

Assim sendo percebe-se que embora com várias semelhanças entre si, Sócrates apresentava o seu método pedagógico pelo qual ele vivia e fazia os seus discípulos descobrirem a verdade filosófica de um modo bem diferente daquele apresentado pelos sofistas. Há, contudo, que ter muito cuidado em relação a uma desvalorização excessiva dos sofistas, já que eles são conhecidos apenas por seus inimigos, Sócrates, Platão e Aristóteles e praticamente quase não há escritos seus.

Isto dito pode-se ver melhor ainda o método pedagógico socrático no que se segue.

O método pedagógico socrático

O método socrático, pelo qual ele tornava a Filosofia conhecida a seus discípulos era o diálogo. Uma das finalidades de tal método era que havia uma comunicação mais profunda, pessoal e íntima entre mestre e discípulo, por um lado, e por outro, procurava desconcertar o adversário na controversia, especialmente se fosse sofista presunçoso de tudo saber.

Sócrates não era um filósofo técnico nem sistemático. Não tinha escola fixa. Ensinava na casa de seus amigos, na rua, na praça a todos os que quisessem conversar com ele. O seu ensino consistia em uma conversa dirigida, na qual, de pergunta em pergunta, levava seu interlocutor até fazê-lo chegar à conclusão que desejava. Nisto fazia consistir a dialética. *Dialético é aquele que sabe perguntar e responder (Crátilo 390c)*. O segredo deste método consiste na arte de saber perguntar bem. E isto é outro aspecto bem característico do seu método pedagógico.

Sócrates não se interessava pelo problema da Natureza ou dos Deuses. Ele se limitava deliberadamente ao campo moral (*Met. I 5, 987^a32-987b10*). Mas neste campo descobriu o verdadeiro procedimento científico passando dos fatos particulares aos conceitos universais, com base aos quais formula as suas definições (*Mem. I 1,16; IV 6-7; IV*).

Ele procurava chegar aos conceitos gerais ou comuna de temperanga, de piedade, de justiga e injustiga, valor e covardia, de virtude em geral, etc. Para isto partia da observagáo dos fatos que lhe oferecia a experiéncia vulgar, de exemplos tomados da vida dos pilotos, ferreiros, carpinteiros, sapateiros, militares e outros (*Mem.12,37*). Discernia nestes fatos o variável do fixo, o confuso do' claro, o acidental do substancial, o contingente do permanente. o resultado era a formulagáo de um conceito comum e que podia ser expresso em uma definigáo aplicável a todos os casos concretos. Estava feita uma das maiores descobertas para a Filosofia. passava a surgir o conceito como uma realidade verdadeira, mas de caráter mental, lógico. Possibilitava o surgimento da ciência moral, interesse imediato de Sócrates. E este é outro aspecto de seu método pedagógico (*Prot., 361b; Met. 1,6,987b 1*).

Tudo isto não passa despercebido a Aristóteles que afirma que *duas coisas se podem com boas razões atribuir a Sócrates: os raciocínios indutivos e a definiçdo do universal, e ambas se referem ao princípio da ciência (Met. XIII 4,1078b)*. Mas o método pedagógico socrático é ainda mais bem aprofundado através de dois aspectos que imortalizariam o mestre, como abaixo se expõe.

A ironia e a maiéutica, sínteses do método socrático

O método socrático é exercitado sob a forma de diálogo, como se afirmou acima, e consta de duas partes. Em um primeiro momento Sócrates convidava o interlocutor a buscar a verdade e o exortava a isto; é o "protréptico". Em um segundo momento Sócrates perguntava para que este encontrasse a verdade ou definiláo procurada. E o "élenkhos" ou refutagáo, indagagáo. Em poucas palavras, ele se valia da ironia e, depois, da maiéutica para levar a cabo o seu método pedagógico para que o seu discípulo continuasse á procura da e finalmente chegasse á verdade, como se pode ver abaixo.

Primeira parte do método socrático: a ironia

Nesta primeira parte, no protréptico ou exortagáo, era

(...) o momento em que Sócrates levava o interlocutor a reconhecer a sua própria ignorância: Primeiro ele foreava uma definkdo do assunto sobre o qual se centrava a investigagáb; depois, escavana de vários modos a definiecio fornecida, explicitava e destacava as

carências e contradições que implicava; entizadamente exortava o interlocutor a tentar uma nova definição, criticando-a e refutando-a com o mesmo procedimento; e assim continuava procedendo, até o momento em que o interlocutor se declarava ignorante (REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario, 1990, p.98).

Sócrates era mestre consumado na ironia. A finalidade da ironia socrática, para os amigos, consistia em preparar o entendimento, livrando-os de erros e de preconceitos, com o reconhecimento prévio da própria ignorância. O reconhecer que não se sabe é assim o princípio da sabedoria (*Mem.* III 8,1-6). *A ironia socrática não humilha para deprimir, mas para educar.* (STEFANINI, Luigi, *Platone I*, p.14, *apud*, FRAILE, 1982, p. 254, nota 45).

Em relação a seus inimigos, não obstante, a ironia socrática era um instrumento cruel, do qual se servia para ridicularizá-los. Partindo de uma noção escolhida, levava-os habilmente, por meio de perguntas aparentemente inocentes, até fazê-los cair em contradição com o que haviam afirmado no princípio, tornando manifesta a sua ignorância.

Para Romano Guardini

a ironia de Sócrates (...) não visa desqualificar o outro, mas ajudá-lo. Ela quer libertá-lo e abri-lo à verdade (...). A sua ironia procura criar um mal-estar e uma tensão no centro do homem, para que daí proceda ao movimento esperado, no próprio interlocutor; se este não puder ser socorrido, no auditor, (Apud, BRUN, 1994, p. 83, n. 1).

Ainda que Sócrates se valesse da ironia, como um dos aspectos favoritos de seu método pedagógico, há de se notar que ela, a ironia, não era vista apenas como uma forma literária, mas como uma atitude literária considerada detestável pelos gregos de seus tempos. Aristóteles confirma isto quando na *Ética a Nicómaco*, IV define a virtude da veracidade e a considera o justo meio entre a jactância e a ironia. Sócrates, o irónico, por este prisma, pecava contra a veracidade porque, em seus discursos, se recusava a revelar suas qualidades, ocultava seu saber sob a capa de uma ignorância fingida e se protegia atrás de um comportamento puramente negativo. Sócrates usava, pois, a ironia, e é natural que os seus contemporâneos o tivessem condenado por causa dela, mesmo tendo ele sabido transformar a ironia em um método de educação, em um processo pedagógico e filosófico.

A ironia socrática, contudo, mesmo sendo uma espécie de simulagão, tinha por fim pôr a descoberta a vaidade, desmascarar a impostura e seguir a verdade. Mas ao fazer isto ele atacava a vaidade, as reputações enraizadas e os cânones oficiais e criava todo um clima que iria voltar-se contra ele mesmo e, desde esta perspectiva, é compreensível que aqueles que o iriam condenar possuíssem, ao menos um pouco de razão. A ironia socrática podia sim, sem sé-lo de fato, ter a aparência negativa e de curta forma revolucionária; ameaçava as opiniões correntes e os valores consagrados da sociedade; Sócrates mostrava-se cheio de irreverência e comprazia em desprezar os valores mais altos então vigentes. Acontece que Sócrates ao se fingir de ignorante na verdade, tinha em mira discernir as aptidões; é um método de análise crítica, mas também e, sobretudo um método pedagógico. Mas os seus contemporâneos, ao menos os líderes, não quiseram; interpretá-lo desde esta ótica.

A ironia, então, é uma dissimulação que indica o jogo múltiplo e variado de disfarces e fingimentos que Sócrates punha em ato para forçar o interlocutor a dar-se conta de si. Mas o próprio Maier a interpreta de modo que este aspecto do método socrático possa sim ser visto e interpretado ambigualmente:

O seu (de Sócrates) tour fundamental é zombar com superioridade dos homens, uma zombaria bizarra que, todavia, deixa entrever certo desprezo pelo interlocutor [seria melhor dizer: pelo que supera o interlocutor] ou, pelo menos, a intenção de atenuar o alto conceito que este poderia fazer de si mesmo, e de divertir-se com ele. Na zombaria, Sócrates assume, por palavras ou por atos, alguma máscara, mostra-se como profundo amigo do interlocutor, como admirador das capacidades e méritos, como que lhe pedindo conselho ou orientação e assim por diante. Mas ao mesmo tempo cuida que, para quem observa mais a fundo, o fingimento seja transparente; e neste jogo não falta nunca o tour menor de seriedade, embora muito amiúde o ponto de seriedade se encontre só no fim ao qual a zombaria se destina. Mas este fim é sempre sério. De fato, em substância, não sendo o fim de toda a alusão socrática: a ironia de Sócrates é método essencial da dialética moral. (Apud, REALE, 1993, p. 309, Vol. I)

A possibilidade de uma interpretação pouco favorável não deve causar espanto, uma vez que Sócrates, com o seu jogo irónico, vai ainda mais fundo: nas suas dissimulações, ele fingia

até mesmo assumir pessoalmente idéias e métodos do interlocutor, especialmente se este é homem de cultura e, em particular se sofista, para engrandecê-lo ao limite da caricatura, ou para invertê-lo com a mesma lógica que lhe era própria e fixá-lo na contradição. Sob as diferentes máscaras que Sócrates assumia eram visíveis os traços da máscara principal, a do não saber e da ignorância: pode-se dizer que no fundo, as máscaras policromas da ironia socrática não são mais que variantes dessa principal e, com um multiforme jogo de dissoluções, sempre remetiam a ela. E era precisamente ela, a ironia, que provocava a fúria dos adversários, como se pode ver, por exemplo, com Trasímaco, em *A república*, 1, 337'.

A máscara da ignorância assumida por Sócrates era sempre o meio mais eficaz para desmascarar o aparente saber dos outros e revelar-lhes a sua radical ignorância. Mas era também ela que, do modo mais eficaz, ajudava aqueles que, com plena disponibilidade, confiavam-se ao magistério socrático e aceitavam dar conta de si. Dado que a ironia, no sentido aqui entendido é consubstancial ao método socrático, pode-se seguramente afirmar que a dialética socrática, enquanto tal pode ser chamada de ironia. E dado que sem diálogo, para Sócrates, não há Filosofia pode-se dizer que a ironia é a síntese do filosofar socrático (REALE, 1993, p. 310, Vol. I).

Deste modo, Sócrates comelava geralmente por pedir uma definição. O interlocutor apresentava uma, a qual era sujeita a exame cerrado, sutil e exaustivo. Argumento após argumento era destruído por Sócrates; tentativa por um lado; demolição por outro, até que a própria tese ruísse completamente e, com ela, a reputação do seu autor. Exemplos destas cenas de acalorada erística podem ler-se em quase todos os diálogos da primeira fase, principalmente no *Primeiro Alcibíades*, *Éutifron*, *Hípias Maior*, *Cármides*, *Laques*, *Protágoras* e *Górgias*, (FREIRE, 1967, p. 41).

Daqui a acusação contra Sócrates de ser um semeador de dúvidas e, portanto, um corruptor. Esta atitude é expressa de um modo claro pela personagem *Ménon*, no homónimo diálogo platónico (*Minan*, 80.-b). Mas se sobre os medíocres, que não admitiam reconhecerem-se ignorantes, era este o efeito que produzia a confusão; outro êxito, contudo, ela produzia sobre os melhores. Como se pode observar pela passagem do *Sofista* 230b-e, ela purificava, enquanto destruía certezas não autênticas,

mas aparentes e falsas, e logo conduzia não a uma perda, mas a um ganho.

A ironia socrática, como se nota, tem que ser interpretada como um aspecto positivo de seu método pedagógico, ainda que nem todos a tivessem visto deste modo. Ela é um modo de interpretar; é o modo de confutação socrática dos que se criam sábios e que se mostravam seguros de si, excluindo todo outro argumento racional, a respeito do tema em discussão. A ironia não era, pois, um modo de brincar sobre questões sérias, mas sim um método sério que consistia em estar sempre pronto a colocar em discussão tudo, submetendo-o a novo exame.

Esta primeira etapa era uma vitória de Sócrates: os seus adversários estavam confusos e o seu orgulho ferido e começavam a perceber que ainda não possuíam a ciência que julgavam possuir, como se pode ver a seguir.

A segunda parte do método socrático: a maiéutica

Sócrates estava consciente que não bastava demolir; era preciso edificar. Ele estava convencido que o homem é suscetível de mudança pela instrução e conhecimento. Ele acreditava que *sem a educação as melhores disposições naturais raramente conseguem desenvolver-se nem chegam a dar bons frutos (Mem. III 9,1; IV 1,3)*. Portanto, a inteligência daqueles que com ele dialogavam podia sim "dar à luz" belos pensamentos se houvesse quem a auxiliasse neste parto custoso e Sócrates é parteiro; diferente de sua mãe, mas parteiro: aquela era parteira do corpo; Sócrates, da alma.

Através da maiéutica Sócrates mostrava como ele entendia a experiência de investigação e de conhecimento, ou seja, a maiéutica era apresentada como a arte que permitia a cada pessoa encontrar a verdade no interior de sua alma, retirando-a de seu interior e, de certa forma e até certo ponto, ser "dono" dela.

O procedimento socrático para chegar ao conceito universal está expresso em sua maiéutica, (maieutiké), na qual, através de perguntas habitualmente graduadas, levava pouco a pouco seu interlocutor até fazê-lo compreender, como se o conceito comum brotasse de sua própria consciência.

As expressões que Platão atribuiu-lhe, aludindo à arte de sua mãe, indicam que Sócrates acreditava na existência das ideias matas na alma de cada homem, (*Ménon*, 82b-86b) que o mestre fazia despertar com a ajuda de suas interrogações, ou que se revelavam mediante a própria reflexão sobre si mesmo. Daqui o grande valor que adquiria em Sócrates o preceito de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo (γνωσι9 seauto0n) (*Teet.* 149'; 150; 210b).

No *Teeteto*, a maiêutica é posta em prática quando Sócrates instigava o jovem a sondar o seu espírito à procura de uma definição de ciência (*Teet.*, 146cd); quando procurava reanimá-lo, ao desfalecer, (*Teet.*, 148c); ao ser exortado a extrair os conhecimentos que possuía e não conseguia comunicar (*Teet.*, 151b-d). Ou seja, é um aspecto do método socrático que constrói, tanto que os discípulos socráticos, alguns ao menos, alcançaram grandes progressos. Alcançaram a ciência advinda não de Sócrates, mas de seu interior; conceberam-na no seio de sua própria inteligência; em uma palavra, deram à luz e Sócrates foi apenas o parteiro de almas (*Teet.*, 150d).

Como vai ficando cada vez mais claro, o método pedagógico socrático é profundo, ele trabalha nas almas, facilitando a geração de belos pensamentos e fazendo com que os jovens possam discernir aos poucos, a verdade em face das aparências vãs e falsas (*Teet.*, 150*-c).

Ele não se apresentava como mestre; não se propunha comunicar uma doutrina ou complexo de doutrinas. Ele não ensinava nada: comunicava apenas o estímulo e o interesse pela pesquisa; pela busca da verdade. E é em tal sentido que tem que ser entendida a sua comparação, no *Teeteto*, como vista acima, à arte da sua mãe, a parteira Fenarete. A sua arte consiste essencialmente em averiguar por todos os meios se o seu interlocutor tem de parir algo fantástico e falso ou genuíno e verdadeiro. Sócrates declarava-se estéril de sabedoria. Ele se declarava estéril de sabedoria e aceitava como verdadeira a censura que muitos lhe faziam de saber interrogar os outros, mas de nada saber responder ele próprio.

A divindade é que o abrigava a ajudar seus discípulos a darem à luz. E Sócrates não tinha nenhuma descoberta a ensinar aos outros, e não podia fazer outra coisa senão ajudá-los no seu

parto intelectual. E os outros, aqueles que dele se aproximavam, a principio, pareciam completamente e ignorantes, mas depois a sua pesquisa, busca, tornava-se fecunda, sem que, todavia aprendessem nada de Sócrates. Esta arte maiéutica nao era oi realidade seudo a arte da pesquisa pela qual Sócrates estava interessado e não podia comeQar e acabar no recinto fechado da sua individualidades pelo contrário só podia ser o fruto de um dialogar contínuo com os seus discípulos.

Aqui estava verdadeiramente a sua antítese polémica con, a sofística. A sofística é caracterizada por um individualismo radical. O sofista não se preocupava com os outros a não ser para extorquir, a todo custo e sem se preocupar com a verdade; queriam o consenso que lhe assegurava o sucesso. Mas o sofista, assim procedendo, nunca chegava á sinceridade consigo mesmo e, conseqüentemente, também não permitia que os seus discípulos chegassem á sinceridade. Não é o caso de Sócrates. No *Górgias*, Sócrates comparava a sofística á arte da cozinha que procurava satisfazer o paladar, mas não se preocupava se os alimentos eram benéficos para o corpo. A maiéutica era, pelo contrário, semelhante á medicina que não se preocupava se causava dores ao paciente, contanto que conservasse ou restabelecesse a saúde, ou seja, a arte de parturejar a verdade era dolorosa, mas compensadora.

Para Sócrates, como já se afirmou acima, a alma só podia alcanlar a verdade "se dela estivesse grávida"; Sócrates, de fato, professava-se ignorante, e, portanto, negava decididamente ser capaz de comunicar aos outros um saber ou, pelo menos, um saber constituído de determinados conteúdos. Mas como a mulher que estava grávida no corpo tinha necessidade do médico para dar á luz, assim o discípulo que tinha a alma grávida da verdade (não era todo discípulo, pois) tinha necessidade de urna espécie de obstetra, de médico espiritual, que ajudasse esta verdade a vir á luz, e esta era justamente a maiéutica socrática (*Teet.*, 148e; 151d).

Como conclusáo sobre a maiéutica socrática pode-se dizer que ela consiste essencialmente no emprego do diálogo para se chegar ao conhecimento da verdade. Ainda que Sócrates nunca tenha sistematizado a maiéutica, as seguintes fases deste método podem ser destacadas:

- Em um primeiro momento ele coloca urna questáo que pode_ expressar-se com perguntas do seguinte tipo: Que é a virtude! Que é a ciencia? Em que consiste a beleza?

- Em um segundo momento o interlocutor dá uma resposta, resposta imediatamente discutida ou rebatida pelo mestre;
- Em seguida segue-se uma discussão sobre o tema com o interlocutor em confusão; neste momento de confusão e desconforto, pelo fato de o interlocutor não ver claro algo que antes do diálogo acreditava saber perfeitamente, é que existe a condição necessária para o aprendizado e Sócrates o identifica com as dores que sente a parturiente antes de dar a luz;
- Após este momento de confusão, a intenção do método maiéutico é elevar-se progressivamente a definições cada vez mais gerais e precisas da questão que se investiga (a beleza, a justiça, a ciência, a virtude);
- A discussão conclui quando o discípulo, graças à ajuda do mestre, consegue alcançar o conhecimento preciso, universal e estrito da realidade que se investiga (ainda que em muitos diálogos de Platão não se alcance este ideal e a discussão permaneça aberta e inconclusa; é a aporia).

A ideia básica do método pedagógico socrático consiste no fato de o mestre não inculcar no discípulo o conhecimento, pois rejeita que a sua mente seja um receptáculo ou conteúdo vazio no qual se possam introduzir as distintas verdades; para Sócrates era o discípulo quem extraia de si mesmo o conhecimento. Este método é muito distinto daquele usado pelos sofistas: os sofistas faziam discursos e a partir deles esperavam que os discípulos aprendessem; Sócrates, mediante o diálogo e uma abordagem mais individualizada com o discípulo, ajudava-o a alcançar por si mesmo o saber. Também, como já se mencionou, a arte maiéutica socrática implica a teoria platônica da reminiscência, pois Sócrates ao considerar o discípulo competente em encontrar dentro de si a verdade, devia supor que a alma dele já a conhecera em algum momento, antes de nele se encarnar.

A ironia e a maiéutica mostram a fundamental importância dada por Sócrates à interioridade, à reflexão que o homem deve fazer, procurando-se conhecer e deste modo a verdade. Uma vida autenticamente humana só é tal se houver reflexão sobre si próprio (*Apo.*, 37 a-38 c). É o que se continua a ver a seguir.

A reflexão do homem sobre si mesmo

A reflexão do homem sobre si mesmo de certa forma permeia todo o método pedagógico socrático; com efeito, é bem típica Sócrates a sua insistente chamada à interioridade: o *hornea*, de, : refletir sobre si mesmo, já que uma vida sem reflexão não é digno de ser vivida. Este aspecto do método socrático, da reflexão sobre si, do diálogo consigo leva a outros resultados, válidos sobre plano humano em relação ao modo no qual o homem se constitui como homem e como cidadão. Os sofistas diziam saber; Sócrates era consciente, sabia do quanto não sabia por que refletia, conhecia e tinha autoconsciência da dimensão de seu conhecimento.

Eu seria afortunado se soubesse o que outros não vacilam em crer que sabem. Como poderia orgulhar-me! Mas não sei nada, atenienses que me escutais; não sei nada, e ante vós apresento-me nu e sem os adornos de uma certeza mentirosa (Apo. 20e;21b-d: 23a-b:29a, passim).

Ser sábio, para ele, é reconhecer a própria ignorância e refletir sobre o próprio eu para se conhecer sempre e cada vez mais e mais profundamente. É um processo que deve durar toda a vida, o que tipifica bem o seu método pedagógico como um processo jamais concluído.

A tal ponto, como já realçado, importa-se com isto que outros problemas, como a Natureza ou a Divindade, não lhe interessam como temas de reflexão: o autoconhecimento deve ter prioridade sobre os outros interesses. Cria ser algo próximo à loucura o ignorar-se a si mesmo, crer que se sabe o que não se sabe (Mem. III 9,6).

O sentido da interioridade socrática, da reflexão sobre si mesmo, não é um ensimesmamento inócuo, vazio, ou abstração, nem pura introversão, ou ainda reclusão inseqüente no próprio eu. Não se trata disto, mas a esta interioridade une-se toda curiosidade insaciável, uma ansia ardente de saber, uma procura sem cessar da verdade (Fedro 230d). Se é correto afirmar-se que ele não se interessa pela Natureza ou pela Divindade, como temas de reflexão, é correto afirmar-se que ele se centra na interioridade porque se interessa pelo homem, pelos problemas humanos e cidadãos, a fim de achar o bem que lhes corresponde e as normas práticas que devem reger a sua vida moral, o ser aperfeiçoado e o da cidade.

Qual, então, o significado de seu *saber que não se sabe*? Como, pois se pode passar para *um saber humano*? Este não é um tipo de saber já dado, mas que se constitui mediante a própria procura, o diálogo, em um suceder-se de razões; uma vez alcançado o saber, estas razões são imediatamente postas em discussão.

Como se vê, trata-se de uma afirmação ou princípio socrático extremamente sério e se encontra muito distante de ser um método para irritar os seus interlocutores. Sócrates, através deste princípio, afirmava a necessidade de um saber que não fosse ou significasse a procura de verdades absolutas, primeiros princípios. Isto é, tratava-se do conhecimento da arte do raciocinar adequadamente, do diálogo em cujo interior ao se obter uma verdade esta podia novamente ser posta em discussão e abandonada sem que por isto o inteiro sistema racional entrasse em crise. (CANTARELLI, Giuseppe <http://www.homolaicus.com/teorici/socrate/socrate.htm>. Acesso em: 08/06/2008).

Daqui se pode concluir o exato significado do autoconhecimento que ele advoga: este não tem em Sócrates o sentido do antigo aforismo (GNWSTHI SEAYTON) que significava: "aprenda a conhecer o seu limite, para não procurar superá-lo, sabendo que você é um homem e não um deus", mas, sim o de convidar o discípulo a procurar dentro de si a fonte de sua verdade. E era isto o que ele procurou fazer durante toda a sua vida, ao viver e expor a Filosofia e a verdade Filosófica, através de seu método pedagógico, expresso de modo particular e especial pela autoreflexão, pela ironia e maiéutica.

Á maneira de conclusão

O que mostra Sócrates, através de seu método pedagógico? Pode-se dizer que a Filosofia pode, se ele assim o quiser, guiar o discípulo, orientá-lo e conseqüentemente a Sociedade em que ele vive. Ela aponta para o caminho que se tem que trilhar para uma sadia convivência social. Deve ser assim como o daimon (DAIMWN) socrático, ou seja, deve ser a consciência da Sociedade, disposta muito mais a denunciar o homem-cidadão quando deixa a verdade advinda da reflexão pessoal que a dirigir politicamente os passos desta mesma Sociedade. A Sociedade não pode ficar, pois sem a Filosofia.

E Sócrates, hoje, o que faria na Sociedade? A Sociedade de hoje não pára para pensar. Mas é precisamente hoje que se precisa parar para pensar, refletir. Aqui entra o papel da Filosofia e de quem pensa: ao refletir o filósofo se encontrará a uma distancia razoável para ter uma visão suficientemente crítica.

A Sociedade de hoje, mais do que nunca precisa da contribuição da Filosofia e do académico de Filosofia: este deve dar a sua contribuição refletindo, escrevendo, participando nos meios de comunicação, de modo que a Sociedade não se vulgariza ainda mais e não caia em extremismos; quaisquer espécies de extremismos, como o religioso, político que causam mal, violência e sofrimento. Sócrates mostrou que se cada homem se melhorar, pela autoreflexão, conhecimento e educação, a Sociedade em que vive será melhor.

Com ele se vê claramente que o ensino da Filosofia não deve ficar limitado à Academia, à Universidade; ela não pode ficar confinada a especialistas. A Filosofia jamais poderá ser vista diretamente como um método ou uma ferramenta para melhorar a convivência social, mas indiretamente sim. Pelo seu próprio estatuto científico, a Filosofia não pode estar sujeita a outras finalidades porque ela é uma ciência que se procura por si mesma (Met. 1:2 980a-993a). Mas pela reflexão que ela faculta, pode-se melhorar pessoalmente e assim a Sociedade em que se vive.

Pode-se perguntar quando começar a ensinar a Filosofia. Aqui já é difícil haver consenso: já desde as séries iniciais? Pode ser, à maneira de jogos, quem sabe. Ou, talvez seja um pouco mais seguro a partir da adolescência? Seja como for, os estudos filosóficos mais sérios devem ser comecados, ou continuados, posteriormente, pois eles exigem certa experiência e maturidade para uma compreensão mais profunda.

Hoje, talvez mais do que nunca, a Sociedade precise de filósofos. Todo está relativizado há uma verdadeira "anatópia" ou inversão de valores (WILD, John, 1964); há um grande materialismo, relativismo e ceticismo em relação a tudo. É o presente de pessoas que refletem para além do meramente imediato pode ser muito proveitosa.

A técnica boje produz maravilhas, mas há que se pensar também se ao lado do prodigioso progresso técnico há um correspondente esforço de reflexão e progresso ético; não se pode perder o homem, deixando que se esvazie de seu ser.

O método pedagógico socrático, como já mencionado, resiste pois, a reconhecer na Filosofia uma profissão como outras. A saber; ver, os artesãos ou expertos em outros ofícios como o médico flautista, o pintor possuem uma técnica original que outras pessoas não possuem; técnica esta que dignifica aqueles ante os demais. Mas a Filosofia não requer, na opinião socrática, um conhecimento especial, ao contrário há que se valer do conhecimento que está ao alcance de todos os homens e de todas as profissões: arquitetos, ferreiros, curtidores, comerciantes e marinheiros, ricos e pobres, nobres e pessoas modestas (*Protágoras*, 319 d.).

E prova disto é que o próprio Sócrates, cidadão inquieto, conversador e falador como poucos não exercia nenhuma profissão precisa, mas vivia perambulando, sempre conversando, rodeado de discípulos e desempenhando uma atividade inteiramente semelhante à pedagogia sofista. Não bajulava ninguém e não possuía uma falsa humildade e não eslavava perdendo o seu tempo superflua e ociosamente. Cria, isto sim, no poder da palavra, da reflexão, da Filosofia. Ele estimava a razão natural e as profissões artesanais sinceramente. Por que isto? Porque para ele, como fica claro através da exposição de seu método pedagógico, a Filosofia não é um saber misterioso e arcano, o qual trata apenas de temas incomuns ou de questões desconhecidas. Nada disto: a Filosofia trabalha conceitos e idéias que todas as pessoas possuem e usam cotidianamente. Ele deixa claro que a Filosofia, como a concebe, vive e expõe, não está reservada para algumas pessoas privilegiadas, não possui reserva de mercado ou dogmas. O que há, efetivamente, mais que ensino, é uma dialética, uma discussão e isto é o que pede a Sociedade e os homens de boje tão faltos de diálogo, conversa e tempo para se expressarem. Se a Filosofia tomaria ares acadêmicos com Platão e, depois, com Aristóteles já não é responsabilidade de Sócrates. O seu método pedagógico, neste sentido, foi um pouco diverso.

Sócrates mostra que a Filosofia pode ser apresentada a um número muito grande de pessoas não como algo misterioso, mas

como algo possível que parte do interior do homem. Basta que ele queira se examinar e não se cansar de procurar. E o homem é um insaciável, que jamais se cansa, pois está continuamente à procura de conhecimento: de si mesmo e de tudo o que possa conhecer e a Filosofia se prestou e se prestará sempre a isto. E misto Sócrates foi e é o mestre que apontou a direção certa.

Bibliografia

- BRUN, Jean. *Sócrates, Platão e Aristóteles*. Trad. Carlos Pitta *et alii*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- CANTARELLI, Giuseppe — Quadro Storico Dell'Época di Socrate, Platone e Aristotele. <http://homolaicus.com.teorici/socrate/socrate.htm> (Acesso em: 08/06/2008).
- FREIRE, António. *O pensamento de Platão*. Braga: Cruz, 1967. FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía: Grecia y Roma I*. 5.ed. Madrid: BAC, 1982.
- GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Filosofia)
- GRUBE, G. M. A. *El pensamiento de Platón*. Traducc. Tomás Calvo Martínez. Madrid: Gredós, 1987. (Biblioteca Hispánica de Filosofía)
- GUAL, Carlos García. Los sofistas y Sócrates. In: *Historia de la ética*. 1. De los griegos al Renacimiento. Victoria Camps, Ed. Barcelona: Crítica, 1999.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. *O problema de Sócrates. O Sócrates histórico e o Sócrates platónico*. Lisboa: Gulbenkian, 1984.
- MARIAS, Julián. *Introdução à filosofia*. Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1966.
- MONDOLFO, Rodolfo. *Sócrates*. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1963.
- PLATÃO. XENOFONTE. ARISTÓFANES. *Defesa de Sócrates. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. Apologia*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PLATON. *Obras completas*. Traducc. Maria Araujo *et alii*. 2.ed. Madrid: Aguilar, 1981. (Colección Grandes Culturas)
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: das origens a Sócrates*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993. Vol. 1. (Série História da Filosofia)
- REALE, Giovanni e ANTISERI Dario. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Paulinas, 1990. Vol. 1. (Coleção Filosofia)
- WILD, John. *Plato's Theory of Man: an introduction to the realistic philosophy of culture*. New York: Octagon Press. 1964.
- ZELLER, E.: *Sócrates y los sofistas*. Buenos Aires: Nova, 1955.